

Mercadores ! — deixae vosso cravo,  
 A canella, a pimenta, o marfi ;  
 Os vestidos de seda despi ;  
 Ponde, em vez de collar, um gorjal.

Véla e remo soltae ao mar bravo ;  
 Vinde junto de nós combater ;  
 Nós, que Arzilla deixamos perder,  
 Porque el-rei... é um rei desleal.

Para nós os castellos d'avante ;  
 Para nós a arrombada e bailéo ;  
 Para nós pelejar ante o céo,  
 Que nos campos d'Arzilla nos viu :

Para nós o machado e montante ;  
 Para nós a bombardada e arcabuz ;  
 Para nós, ao cair, vêr a luz,  
 Ver a mão que estes peitos feriu ;

Para nós o tombar derradeiro  
 Sobre o ferreo esporão das galés ;  
 O pelouro, de sob o convez,  
 Cá de longe enviar... para vós !

O sudario do morto fronteiro  
 Alva escuma de prôa será ;  
 E em seus labios — *Arzila !* — ouvirá  
 Quem ouvir sua ultima voz» —

E elles, os fortes d'Asia, não vieram  
 Do cavalleiro d'Africa ao chamar ;  
 E a nau d'el-rei ao infamado Tejo  
     Veu aportar :  
 E o Adail depôz as armas rotas  
     Não no espaldar ;  
 Que nunca o bom fronteiro viram moiros  
     Costas voltar.

E, tomando o bordão de peregrino,  
 Foi-se á Batalha, que é mosteiro pobre  
 De dominicos,  
 Frades mui santos, que os judeus queimavam,  
 Porque eram ricos.  
 No meio d'esses tumulos, que encerram  
 Os despojos mortaes dos reis que foram,  
 Feretro antigo  
 O Adail procurou. De um rei soldado  
 Era o jazigo.  
 Quando o viu, ajoelhou nos degraus d'elle,  
 E palavras que as lagrimas cortavam,  
 Lhe dirigiu:  
 Maldicção para alguém pedia ao morto;  
 Mas nada ouviu!  
 Então, livido o rosto, os labios brancos,  
 A fronte lhe pendeu sobre o ataúde  
 Do rei extincto.  
 Expirára ao dizer — *Perdeu-se Arzila!*—  
 A Affonso Quinto.

Alexandre Herculano (1810-1877).

<sup>1</sup> Nome que nas praças d'Africa se dava aos cabos de guerra que dirigiam as correrias e assaltadas aos moiros. <sup>2</sup> Sentinella ou vigia nocturna. <sup>3</sup> Expedição dos arabes contra os d'outra religião. <sup>4</sup> Sacerdote moiro. <sup>5</sup> Acampamento, povoação volante entre os arabes. <sup>6</sup> Corsario, successor do celebre *Barbarossa*. <sup>7</sup> Bravatas, jactancias.

132 — Ameida Garrett (pag. 304 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Nasceu no Porto a 4 de fevereiro de 1799; e morreu em Lisboa a 10 de dezembro de 1854.

Pelas verdejantes collinas de Gaia lhe madrugaram as primeiras affeições da alma com que as musas, por mais lacrimosas que se queixem, brincam e sorriem.

Por grades de mosteiros poetava o ardente academico aquelles amoraveis sonetos que elle, já no outono da vida, dava á estampa, Deus sabe com que saudades!

Por Coimbra era o travesso Garrett o mais esperançoso d'essa pleiade<sup>1</sup> de vates, abraçados em amor á liberdade, cantando-a sempre, agourando-a nos carmes, como o mantuano<sup>2</sup>, em Roma, a boa nova da regeneração humana.

O *Retrato de Venus* nasceu por esses tempos, já scintillante de originaes bellezas, já aproando para porto livre de pensamento e phrase, já minando os alicerces do velho edificio<sup>3</sup> arcadico<sup>4</sup>, que, mais tarde, devia esboroar-se sob os cimentos do *Camões*<sup>5</sup>. Ahi nasceram tambem as primeiras tragedias, e d'ellas vingou para a posteridade o typo da liberdade, o ardido *Catão*, que parece esculpido em bronze.

Exulando por extranhas terras, a lyra<sup>6</sup> de Garrett retemperou-se na desgraça. A providencia dos grandes genios compensára-lhe<sup>7</sup> em vigor de talento o que as saudades, a pobreza e o desconforto lhe affrouxavam na alma. Na *Lyrical* de João Minimo, nas *Flores sem fructos*, em todo aquelle vergel<sup>8</sup> de flôres peregrinas<sup>9</sup>, abrindo-se em sorrisos de esperanza, ou desbotando ao amarellecer da saudade, faz gosto e magua ver a historia do coração humano tão lealmente contada áquelles que a entendem. Cordas afinadas pela musica dos anjos, como as da lyra do grande cantor<sup>10</sup>, destemperam já quando a mão da morte, primeiro que a do desengano, passou por ellas, tirando os ultimos sons como um dobre final.

De extranhas praias, circumvagava os olhos pelos horizontes do oceano, e o desterrado de Macau<sup>10</sup> segredava-lhe o verbo pungente da saudade. O *Camões* é a intuição das penas acerbadas que exulceraram a alma do maior portuguez do seculo XVI, já quando o desalento lhe não dava peito para o gemido. Se haverá um raio de luz eterna para essas duas almas, que tanta luz irradiaram na sua patria!

O que era o drama em Portugal antes de Almeida Garrett?

Enxabido plagiato da musa hespanhola e italiana, desgraciosas versões do francez, coisa descaracterizada, desnaturalizada, sem que os malfadados arranjadores dramaticos pudessem ater-se a um molde de cunho. Gil Vicente era apenas um marco na litteratura patria; d'esse ponto para os seus successores não havia transição logica nem natural.

Garrett creou a comedia, creou o drama, creou a tragedia, trajou-as de gallas que pareciam novas pelo feitio, mas que estavam congenitas no genio da lingua e costumes nacionaes. Quanto mais longe da arte restringente e falsificadora do sentir ingenuo, mais perto da natureza e verdade florescia o engenho do auctor de *Gil Vicente* e *Alfageme*. Quando reinava o dispauterio absurdo da escola romantica, e os dramaturgos de mais futuro em Portugal remedavam com desnatural esforço a innovação, Almeida Garrett protestava em *Er. Luiz de Sousa*, em *Philippa de Vilhena* e *Sobrinha do Marquez* contra os talentos desgarrados da trilha por onde se havia de attingir a emancipação do nosso theatro. Não se mallogrou de todo o exemplo e a censura. Os discipulos de Garrett houveram pejo de servir á populaça as iguarias requentadas, delicias de paladares estragados. Envasou-se a lingua classica em modernos moldes. Não podia ser completa a restauração, nem seguido á risca o exemplo; todavia, raro dramaturgo de consciencia ha ahi que não envide todo o seu poder de espirito e coração por approximar-se dos exemplares que o mestre herdou<sup>41</sup> aos sacerdotes da scena.

Eram admiraveis os recursos do vocabulario de Garrett. Sabia dizer tudo em lingua purissima dos que melhor a escreveram nesta terra. Se, porém, a idéa nova sincava na impropriedade do termo usual, o ousado escriptor enxertava a palavra extranha, e o mesmo era dar-lhe fôro de portugueza. Se nestas liberda-

des se demasiava alguma vez, era preciso acceitar-lhe o capricho, porque não havia audacia que lhe pedisse contas, vista a immaculada dicção das suas obras mais reflectidas.

O visconde de Almeida Garrett, na sua provincia litteraria, não tinha emulo. Alexandre Herculano, o doutissimo historiador, tem uma soberania distincta. Distanciavam-se pelos genios, pelas indoles litterarias, e pela heterogena influicção dos habitos, aos quaes cada qual se submetera na carreira da vida. Se não existisse Castilho, o mais remontado poeta, o mais portuguez de todos, o mavioso Castilho, que enthesoura as joias de maximo quilate da nossa lingua, Garrett seria o primeiro prosador. Herculano funde, por assim dizer, em fórmula de severa correccção, o austero e rigoroso pensamento que forja e pule na incude <sup>12</sup> da consciencia. A este não lhe abunda a inspiração, a effusão natural, a imbrincada espontaneidade que reluz nos outros. É um escriptor que se estuda nas horas de animo repousado. Os outros buscam se para domar o pensamento inquieto e affeioá-lo aos prazeres da intelligencia e do coração.

Camillo Castello Branco (*escriptor contemporaneo.*)

<sup>1</sup> *Pleiade, pleiada* (mais frequente no pl.), ou *sete-estrello*, nome de uma porção de estrellas que parecem mui vizinhas umas das outras. Fig. grupo de pessoas. <sup>2</sup> Vergilio, principe dos poetas latinos; nasceu proximo de Mantua, no anno 70 A. C. e falleceu 19 annos antes do nascimento de Christo. Escreveu as *Bucolicas*, as *Georgicas* e a *Eneida*, poema epico. <sup>3</sup> veja o n.º 75, nota 3. <sup>4</sup> chamou-se Arcadia, no seculo passado uma academia ou associação de litteratos, e estes se denominavam arcades. <sup>5</sup> todos os nomes em *letra italica*, neste trecho, são titulos de escriptos de Garrett. <sup>6</sup> instrumento musico de cordas com que os poetas gregos se acompanhavam em suas recitações; d'ahi, *fig.*, poesia, talento ou inspiração poetica. Cp. *alaude*, outro instrumento, introduzido na Europa pelo arabes, durante a idade média, e usado pelos trovadores, ou poetas d'essa época. <sup>7</sup> propr. Egualar um peso a outro, contrabalançar, equilibrar; d'aqui, *fig.*, indemnisar, resarcir, reparar, isto é, dar em valor d'outra

especie um equivalente d'aquelle que falta (pref. *com* e raiz *pens*, sup. *pensum* de *pendere*, pesar. Cp. : pes-o, -ar, -ada, -adello, -ado, -ador, -agem (ache os formados de *contra*, *re*, *so* (*sob*), *sobre*); despesa; pens-ão-ion+ar, +ario, +eiro, +ista : dispens-a, -ação, -ador, -ar-ativo, -avel ; dispend-er, io, ioso ; dispend-er, edor, vilipendi-ar, (*vilis*, vil, despresado), -o, -oso, -ador : compens-ar, -ação, -ador, -ativo, -atorio ; recompens-a ador- ar, -avel.

<sup>8</sup> horto, jardim (do L. *virides*, verde, verdejante). Forme a lista dos derivados de *verde*, e comp. de *es* e *re*. <sup>9</sup> prep. que caminha *atravez de campos* (L. *per agros*), viajante, romeiro ; d'ahi estrangeiro, extranho ; raro, excellente. Cp. agr-ario-este ; agricola (*colere*, cultivar). Procure os deriv. <sup>10</sup> Luiz de Camões.

<sup>11</sup> aqui significa : deixar em herança. legar. Comtudo a acceção mais vulgar d'este verbo é : obter por herança. <sup>12</sup> bigorna (do L. *incus*).

---

### 133 O firmamento (pag. 378 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Gloria a Deus ! eis aberto o livro immenso <sup>1</sup>,  
 O livro do infinito,  
 Onde em mil lettras de fulgor intenso  
 Seu nome adoro escripto.  
 Eis do seu tabernaculo corrida  
 Uma ponta do véo mysterioso.  
 Desprende as azas remontando à vida,  
 Alma, que anceias pelo eterno goso !

Estrellas, que brilhaes nessas moradas,  
 Quaes são vossos destin os ?  
 Vós sois, vós sois as lampadas sagradas,  
 De seus umbraes divinos,  
 Pullulando do seio omnipotente <sup>2</sup>,  
 E sumidas por fim na eternidade  
 Sois as faíscas do seu carro ardente  
 Ao rolar atravez da immensidade.

E cada qual de vós um astro encerra,  
 Um sol que apenas vejo,  
 Monarcha<sup>3</sup> d'outros mundos como a terra,  
 Que formam seu cortejo.  
 Ninguém póde contar-vos ; quem pudera  
 Esses mundos contar a que daes vida,  
 Escuros para nós, qual nossa esphera  
 Vos é nas trevas da amplidão sumida.

Mas vós perto brilhaes, no fundo accesas  
 Do throno soberano ;  
 Quem vos ha-de seguir nas profundezas  
 D'este infinito oceano ?  
 E quem ha-de contar-vos nessas plagas,  
 Que os céos ostentam de brilhante alvura,  
 Lá onde sua mão sustem as vagas  
 Dos soes, que um dia romperão na altura ?

E tudo outr'ora na mudez jazia,  
 Nos véos do frio nada ;  
 Reinava a noite escura ; a luz do dia  
 Era em Deus concentrada.  
 Elle fallou ! e as sombras num momento  
 Se dissiparam na amplidão distante !  
 Elle fallou ! e o vasto firmamento  
 Seu véo de mundos desfraldou ovante !

E tudo despertou, e tudo gira  
 Immerso em seus fulgores ;  
 E cada mundo é sonora lyra  
 Cantando os seus louvores.  
 Cantae, ó mundos, que o seu braço impelle,  
 Harpas da criação, fachos do dia,  
 Cantae louvor universal Áquelle,  
 Que vos sustenta e nos espaços guia !

Terra, globo, que geras nas entranhas  
    Meu ser, o ser humano,  
Que és tu, com teus vulcões, tuas montanhas,  
    E com teu vasto oceano?  
Tu és um grão d'areia arrebatado  
Por esse immenso turbilhão dos mundos  
Em volta do seu throno levantado  
Do universo nos seios mais profundos.

E tu, homem, que és tu, ente mesquinho,  
    Que soberbo te elevas,  
Buscando sem cessar abrir caminho  
    Por tuas densas trevas?  
Que és tu com teus imperios e colossos?  
Um átomo subtil, um frouxo alento;  
Tu vives um instante, e de teus ossos  
Só restam cinzas, que sacode o vento.

Mas ah! tu pensas, e o girar dos orbes  
    À razão encadeias;  
Tu pensas, e inspirado em Deus te absorves  
    Na chamma das ideias:  
Alegra-te, immortal, que esse alto lume  
Não morre em trevas d'um jazigo escasso  
Gloria a Deus, que num átomo resume  
O pensamento que transcende o espaço!

Caminha, ó rei da terra, se inda és pobre  
    Conquista aureo destino,  
E de seculo em seculo mais nobre  
    Eleva a Deus teu hymno;  
E tu, ó terra, nos floridos mantos  
Abriga os filhos que em teu seio geras,  
E teu canto d'amor reúne aos cantos  
Que a Deus se elevam de milhões d'espheras



Dizem que já sem forças moribunda,  
 Tu vergas decadente :  
 Oh ! não, de tanto sol, que te circunda,  
 Teu sol inda é fulgente.  
 Tu és joven ainda ; a cada passo  
 Tu assistes d'um mundo ás agonias,  
 E rolas entretanto nesse espaço  
 Coberta de perfumes e harmonias.

Mas ai ! tu findarás ! além scintilla  
 Hoje um astro brilhante :  
 Amanhã ei-lo treme, ei-lo vacilla  
 E fenece arquejante :  
 Que foi ? quem o apagou ? foi seu alento  
 Que extinguiu essa luz já fatigada ?  
 Foram seculos mil, foi um momento  
 Que a eternidade fez volver ao nada.

Um dia, quem sabe ? um dia, ao peso  
 Dos annos e ruinas,  
 Tu cairás nesse vulcão acceso,  
 Que teu sol denominas ;  
 E teus irmãos tambem, esses planetas,  
 Que a mesma vida, a mesma luz inflamma,  
 Attrahidos emfim, quaes borboletas,  
 Cahirão como tu na mesma chamma !

Então, ó sol, então nesse aureo throno  
 Que farás tu ainda,  
 Monarcha<sup>2</sup> solitario, e em abandonø,  
 Com tua gloria finda ?  
 Tu findarás ~~tambem~~, tambem a fria morte  
 Alcançará teu carro chammejante :  
 Ella te segue, e prophetisa a sorte  
 Nessas manchas que toldam teu semblante.

Que são ellas? talvez os restos frios  
D'algum antigo mundo,  
Que inda referve em borbotões sombrios,  
No teu seio profundo;  
Talvez, envôlta pouco a pouco a frente  
Nas cinzas sepulchraes de cada filho,  
Debaixo d'elles todos, de repente,  
Apagarás teu vacillante brilho.

E as sombras passarão no vasto imperio  
Que teu facho alumia;  
Mas que vale de menos um psalterio  
Dos orbes na harmonia?  
Outro sol, como tu, outras espheras  
Virão no espaço descantar seu hymno,  
Renovando nos sitios onde imperas  
Do Sol dos soes o resplendor divino.

Gloria a seu nome! um dia, meditando  
Outro céu mais perfeito,  
O céu d'agora a seu altivo mando  
Talvez caia desfeito.  
Então, mundos, estrellas, soes brilhantes,  
Qual bando d'aguias na amplidão disperse,  
Chocando-se em destroços fumegantes,  
Desabarão no fundo do universo.

Então a vida, refluindo ao seio  
Do foco soberano,  
Parará concentrando-se no meio  
D'esse infinito oceano:  
E, acabando por fim quanto fulgura,  
Apenas restarão na immensidade:  
— O silencio, aguardando a voz futura,  
O throno de Jehovah, e a eternidade!

<sup>1</sup> Que não tem *medida* (pref. negat. *in*, que se converte em *im* antes de *b*, *p* ou *m*, + *mensus*, p. p. de *metiri*, medir); fig. por exaggero: *grandissimo*, *vastissimo*, *enorme*. Cp. *medir*, *medida* (L. *mensura*, medida), *mensuravel* (que pode ser medido), *commensurar* (medir pela mesma medida), *incommensuravel*. Procure os deriv. Repare em que ha muitos compostos cujos simples (tirados os prefixos) não existem em portug., ex. *immenso*, *demolir*, *explorar*, *adherente*, *obstaculo*, *benevolente*, *prevenir*, *circumferencia*, etc. <sup>2</sup> L. *omnis*, tudo, e *potentem* = potente, que póde. Cp. *potentado*, *plenipotencia*, etc. <sup>3</sup> Chefe unico d'um paiz. (G. *monos*, um só). Cp. *monarch-ia*, *-ico*, *-ismo*; *monochromo* (*chromos*, côr.), cp. *chromatico*, *achromatico* (*a*, privativo), que faz ver os objectos sem côres extranhas), *monoculo* (*oculus*, olho), *monocordio* (*chorde*, tripa, corda de tripa), *monocotyledono* (*Kotulêdon*, de *Kotulê*, objecto ôco), *monogamo* (*gaméin*, casar-se), *monolitho* pedra (cp. *lithographia*, *aérolitho*, etc.), *monologo* (*logos*, discurso), *monomania*, *monopolio* (*polein*, vender), *monosyllabo*, *monotheismo* (*theos*, Deus), *monotono* (*tonos*, tom), *monogramma* (*Gramma*, letra), *monographia* (*graphô*, escrevo).

---

134 — Morte de Martim Moniz (pag. 374 na 4.<sup>a</sup> ed.)

No dia vinte e um de outubro <sup>1</sup>, dia já memorando <sup>2</sup> e assignalado de sangue nos fastos <sup>3</sup> da Igreja pelo martyrio de onze mil santas, determina el-rei concluir a todo o custo. No acommettimento, que vae ser geral, ha dois pontos sobre maneira arriscados: a torre ambulante; e a despenhada subida do norte; aos seus experimentados portuguezes os confia. Deixa aos lotharingos a brecha; aos restantes estrangeiros reparte os varios lanços do muro; para si nada reserva, apparecerá por toda a parte, ajudará e acudirá a todos. É Martim Moniz o capitão a quem toca vingar <sup>4</sup> com um bando de portuguezes a mais que difficil espalda <sup>5</sup> da cidade, e descarregar-lhe ao centro da nuca um golpe temerario, e porventura decisivo.

De quem este fidalgo fosse quasi não alcançamos noticia; só o divisamos como certos deuses indigetes <sup>6</sup> da infancia dos povos, que transparecem resplande-

endo por entre nuvens. D'um conde castelhano, que a Portugal viera pelos dias de D. Henrique, o presumem neto; mereceu pelejar em Ourique entre os valerosos d'el-rei, na deanteira do exercito; foi por dois filhos origem de duas series de nobreza que ainda permanecem; a só claridade da sua morte lhe suppre uma vida patente<sup>7</sup> de façanhas, e o seu nome se vinculou indelevel<sup>8</sup> na porta da muralha, que ainda hoje lhe serve de monumento.

Chegados á fralda da encosta, Martim Moniz se volta de repente contra os companheiros, que, alçados os rostos<sup>9</sup>, contemplavam attonitos o aprumado e fragoso do monte, onde só alguma erva de longe em longe parecera haver podido tomar pé, e em cuja crista por cima do muro fechado e torreado resaiá ainda a alcáçova<sup>10</sup>, massas monstruosas, penduradas, ameaçando despenhos, e cuja minima parte sobraria a alagá-los: e sobre a alcáçova, sobre as torres, sobre a muralha, os terçados<sup>11</sup>, os alfanges<sup>12</sup>, as azagaias<sup>13</sup> que giram resplandecendo! — «Procuraes o caminho, disse, eu vo-lo ensinarei. Se o acommetter é agro<sup>14</sup>, impossivel nos será a fuga. Se nos recusarem a porta, forçá-lahemos. Se entramos, captiva está a cidade; se caissemos, cairiamos tão alto que vencessemos em gloria os vencedores! Tende fé nas divinas promessas, recordae-vos de Santarem. Adverti como somos postos hoje em exemplo a naturaes e estrangeiros! Encommendemo-nos aos anjos, que nos acudam com suas azas, e subamos por onde jámais não volveremos a descer.» — E elles subiam arremessadamente; o capitão lhes levava uma larga deanteira. A cada passo que davam, o terreno decrepito se lhes esboroava debaixo das sapatas ferradas. Ora lhes era forçado tomar as armas entre os dentes, debruçar e valer das mãos para trepar; ora ir fincando pelo resvaladiço do solo as pontas das lanças. Choviam de cima os penedos, que, rodando dispartidos para todos os cabos, tomavam alguma da gente, com a qual se iam de tombo em tombo, mer-

gulhar no fundo do valle; e as risadas dos moiros ferviam nos ares, e todas as frentes portuguezas tresuavam, e as respirações resfolegavam amiudadas, e os corações pulavam de furor, e a muralha se avizinava, e os olhos que d'ella se despregavam de relance, descobriam por toda a parte um extendido e formoso painel do mundo, o mar, a armada, os montes, as povoações moiras, e para traz e para baixo um abysmo cada vez mais profundo!

Vendo os cercados que se ousava arvorar escada contra aquelle muro, pôr mão violenta naquella porta, como valentes que eram e seguros de si, deixados em cima os necessarios para derrubar os escaladores, descem a abri-la, saem generosamente a campear. Martim Moniz lhes tem rosto, os aperta, os rechaza, os persegue; pela mesma porta que os despejou, os recalca para a praça, embravecido na matança se interna após elles. Aqui principiou na apertada senda um fluxo e refluxo dos dois bandos contendores. Mais numerosos os de dentro, não menos varões, e avantajados como gente de casa, precipitam-se rijo<sup>15</sup>, arremessam ante si os portuguezes. A porta, temerariamente aberta, vae-se fechar; de cima do muro a salvo consummarão a derrota. Moniz, a quem o mallogro de tantas fadigas desespera, á porta se atira novamente como trave balaçada de ariete, aguenta-a contra o peso e esforços de dentro, ruge como o leão, appellidando os seus soldados, fá-la gemer, bocejar, entreabrir-se. Inclinado contra ella, com os pés ambos repulsando a terra, com o hombro e com a frente o madeiro, sobejando-lhe ainda alma, da que em todos os membros lhe pullula, para esgrimir a espada, ora com ella acena aos companheiros, ora pela abertura, cada vez mais devassa, a rodeia como corisco pelos rostos e braços dos resistentes, até que fraqueando estes um pouco, e sendo já perto portuguezes, pondo no empenho o ultimo de suas forças e escorrendo em sangue, que já de largas feridas lhe repuxa, entre o umbral e a couceira se arroja; deitado

e moribundo barafusta ainda, offerece-se por ponte á vingança portugueza ; e sentindo sobre si o correr dos soldados seus, que já não pôde vêr, despede com um grito de alegria a grande alma ; e abre da mão á espada, finalmente viuva.

Visconde de Castilho (1800-1875).

<sup>1</sup> L. *october*, liter. o oitavo mez ; porque, entre os romanos, o anno principiava com a primavera, isto é no mez de março. Cp. *octogono*, polygono de oito angulos, *octogenario*, individuo entre os 80 e 89 annos. *Obs.* O *c* lat. da combinação *ct*, quando não precedido de *un*, ou *u*, transforma-se geralmente em *i*, ás vezes em *u*. Assim *october* = outubro, *octo* = oito, outo que já se não usa. Cp. *noctem* = noute, noite, *bis coctum* = biscouto, biscoito. V. n.º 127, nota 2, *Obs.* 2.<sup>a</sup> <sup>2</sup> Digno de memoria. Syn. *memoravel*. Cp. *venerando* A forma lat. *memorandum* emprega-se significando : nota diplomatica, aviso commercial, livro de lembranças. Formam esta familia (L- *menini*, lembrar-se) *memor-ar, -ia*, momento, menção, reminiscencia. Complete-a com os der. e comp. dos pref. *con, in, re*. <sup>3</sup> Calendario dos romanos onde estavam marcados os dias de festa e os de audiencia. Syn. *annaes*. Raiz *fas*, o que é permittido ; justiça, direito que se usa na phrase : *por fas e (ou) por nefas*, justa ou injustamente, por bem ou por mal, por qualquer meio que seja. Cp. *fasto*, fausto, feliz : dia *fasto* (*fastus dies*, dia de audiencia) ; *nefasto*, infausto, funesto. <sup>4</sup> vencer, chegar ao cabo de algum lugar, ganhar. <sup>5</sup> Espadua, costas. <sup>6</sup> Heroes divinizados, semi-deuses particulares d'um paiz. Cp. *indigena*, nascido no paiz. L. *genere*, gerar, produzir, crear ; sup. *genitum*. Cp. *genito* (*con, in-, primo-*), *genitura* (*pro-, primo-*), *progenie*, *geni-o, -al, (con), ingenuo*, *engenh-o* (ou *ingenho*), *-oso, -eiro, -ar*. <sup>7</sup> Aberto, descoberto, manifesto, publico ; conhecido. V. n.º 39, nota 17. <sup>8</sup> Que se não pôde riscar, apagar, destruir (*in, delevel, do v. L. deleve*, apagar, destruir) *Obs.* O suf. *vel*, que serve para formar adj, provem do suf. L. *bilis*. D'estes adj, derivam-se subst. por meio do suf. *dade*; mas em tal caso a terminação *vel* do adj. retoma a feição lat *bili*. Ex. *ama-vel*, *ama-bili-dade*; *notavel*, *nota-bili-dade* ; *esta-vel*, *esta-bilidade* ; *infalli-vel*, *infalli-bilidade*; *possivel*, *possi-bili-dade* ; *sensivel*, *sensi-bili-dade*, etc. <sup>9</sup> § 241,2) e § 249. *Obs.* <sup>10</sup> Castello de origem arabe. <sup>11</sup> Espada curta, com dois *terços* do comprimento das espadas ordinarias. Alguns escrevem *traçado* e *treçado*. <sup>12</sup> Cutello convexo pelo fio. De origem arabe. <sup>13</sup> Curta lança arrojadica. Tambem se escreve *azagaya*; d'ella fizeram os fran. *zagaie*, ou *zagaye*. <sup>14</sup> Difficil, arduo, trabalhoso. *Agro, agre, acre*, são fórmulas diver-

sas da mesma palavra (L. *acer acris*, azedo, aspero, duro). D'aqui: acer (especie de carvalho rijo, tambem chamado *bordo*), acérico (*acido acerico* que se encontra no bordo), acéro ou ácoro (planta medicinal de sabor acre), acerucias ou acerácias (plantas do genero acer), acerrimo; acerb-*o*, -*idade*, -*amente*; exacerba-*r*, -*ção*, -*dor*; acrimóni-*a*, -*oso*; agrura: agridoce, agrodoce; vinagre (*vinum*, vinho), vinagreiro, avinagrar. *Obs.* Não confunda este adj. com o subst. *agro* (terra cultivada); veja n.º 33, nota 9. <sup>15</sup> § 186.

111 — Morte de Camões (pag. 388 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Não póde mais o coração co'a vida;  
E lenta a morte c'o enfezado sangue  
Caminho vem do peito. O espaço mede  
Que lhe resta na arena da existencia;  
Perto a barreira viu... Ahi jaz o tumulo.  
Chegado é pois o dia do descanso!

Bem vinda sejas, hora do repouso.  
Com a tremula mão tenteia as cordas  
D'aquella lyra onde troou a gloria,  
Onde gemeu amor, carpiu saudade,  
E a patria... oh! e que patria os Céos lhe deram!  
Off'rendas recebeu de hymnos celestes:  
Pela ultima vez as cordas fere,  
E este adeus derradeiro á patria disse,  
Cortando-lhe o alento enfraquecido  
Agora os sons, agora a voz quebrada:

XVI

«Terra da minha patria! Abre-me o seio  
Na morte ao menos. Breve espaço occupa  
O cadaver d'um filho. E eu fui teu filho...

Em que te hei desmer'cido ó patria minha ?  
 Não foi meu braço ao campo das batalhas  
 Segar-te louros ? Meus sonoros hymnos  
 Não voaram por ti á eternidade !  
 E tu, mãe descaravel m'engeitaste !  
 Ingrata . . . Oh ! não te chamarei ingrata ;  
 Sou filho teu : meus ossos cobre ao menos,  
 Terra da minha patria, abre-me o seio.

## XVII

«Vivi : que me ficou da vida, agora  
 Que baixo á sepultura ? não remorsos,  
 Vergonhas não. Para a corrida senda  
 Sem pejo os olhos de volver me é dado,  
 E tranquillo direi : *vivi* ; — tranquillo  
 Direi : *morro*. Não dormem no jazigo  
 Os ossos do malvado ? Não ; continuo,  
 Na inquieta campa estão rangendo  
 Ao som das maldições, deixa de crimes,  
 Legado impio dos maus. Eu, socegado,  
 Na terra de meus paes hei-de encostar-me . . .

## XVIII

«Já me sinto ao limiar da eternidade :  
 Véu, que ennubla na vida os olhos do homem,  
 Se adelgaça : rasgados os seios me abre  
 Do escondido porvir . . . Oh ! qual te has feito,  
 Misero Portugal ! — Oh ! qual te vejo,  
 Infeliz patria ! Seres tu, princeza,  
 Tu, senhora dos mares ! . . . Que tyrannos  
 As aguas passam do Guadiana ? A morte,  
 A escravidão lhes traz ferros e sangue<sup>1</sup> . . .  
 Para quem ? Para ti, mesquinha Lysia.



## XIX

«Que naus são essas, que ufanasas surcam  
 Pela esteira do Gama? Pendões barbaros<sup>2</sup>  
 Varrem o Oceano, que pasmado busca,  
 Em vão! nas pôpas descobrir as quinas,  
 Em vão; da hastea da lança escalavrada,  
 Roto o estandarte cae dos Portuguezes.

## XX

«Cinza, esfriada cinza é todo o alcaçar  
 Da gloria lusitana... Uma faisca,  
 Esquecida a tyrannos, lá scintilla:  
 Mas quão debil que vens, sopro de vida:  
 Um só momento com vigor no peito  
 O coração te pulsa. Exangue, enferma  
 Só te ergues d'esse leito de miseria  
 Para cair, desfallecer de novo.

## XXI

«Onde levas tuas aguas, Tejo aurífero?  
 Onde, a que mares? Já teu nome ignora  
 Neptuno, que tremeu de outr'ora ouvi-lo:  
 Soberbo Tejo, nem padrão ao menos  
 Ficarás de tua gloria? Nem herdeiro  
 De teu renome?... Sim: recebe-o, guarda-o  
 Generoso Amazonas, o legado  
 De honra, de fama e brio: não se acabe  
 A lingua, o nome portuguez na terra.  
 Prole de Lusos, peja-vos o nome  
 De Lusitanos? Que fazeis? Se extincto  
 O paterno casal cair de todo,  
 Ingratos filhos, a memoria antiga  
 Não guardareis do patrio, honrado nome?

## XXII

«Oh! patria! oh! minha patria! . . .» A voz que affrouxa  
 Interromperam sons desconhecidos  
 De voz de extranho, que, na estancia humilde,  
 Entra do vate.— «Perdoae, se ousado  
 Entrei, senhor, mas. . .» — «Quem sois vós? Ha inda  
 Homem no mundo que a pousada obscura  
 D'um moribundo saiba?» — «Cavalleiro,  
 Desde o alvor da manhã que vos procuro  
 De Africa hoje cheguei. . .» — «Ah! perdoae-me.  
 Sois vós, Conde? Voltastes? E que novas  
 Me trazeis?» — «Tristes novas, Cavalleiro.  
 Ai! tristes. Desta carta, que vos trago,  
 Sabereis tudo.» Ao vate a carta entrega:  
 Do missionario era, que dos carceres  
 De Fez a escreve. Saudoso e triste,  
 Mas resignado e placido, lhe manda  
 Consolações, palavras de brandura,  
 De allivio e de esperanza.— «Extincto é tudo  
 Nesta mansão de lagrimas e dôres;  
 — As letras dizem — tudo; mas a patria  
 Da eternidade, só a perde o impio.  
 Deus e a virtude restam: consolae-vos. . .»

## XXIII

«Oh! consolar-me!» exclama, e das mãos tremulas  
 A epistola fatal lhe cae: «Perdido  
 É tudo pois! . . .» No peito a voz lhe fica:  
 E de tamanho golpe amortecido  
 Inclina a frente, e, como se passára,  
 Fecha languidamente os olhos tristes.  
 Anciado o nobre Conde se aproxima,  
 Do leito. . . Ai! tarde vens, auxilio do homem.  
 E já no arranco extremo: — *Patria ao menos. . .*  
 Os olhos turvos para o céu levanta;  
*Juntos morremos. . .* E expirou co'a patria.

Allude ao dominio dos Philippes. <sup>2</sup> Refere-se ás bandeiras dos hollandezes, que, no tempo em que os Philippes dominaram em Portugal, se apoderaram da maior parte das nossas conquistas da America e Oceania.

136 — Garcia de Rezende e Fernão Lopes  
(Pag. 363 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Seria uma das comparações mais curiosas a do caracter historico da Chronica de D. João I por Fernão Lopes com o da Chronica de D. João II por Garcia de Rezende, se ao mesmo tempo se comparasse o estado da sociedade portugueza no meado do seculo XV com o <sup>1</sup> em que se achava no principio do seculo XIV. Esta comparação nos parece <sup>2</sup> serviria para explicar as formulas historicas pelas politicas, e vice-versa, estas por aquellas.

Que distancia espantosa não ha, com effeito, entre o grande poema de Lopes e a mesquinha collecção de historietas de Garcia de Rezende, onde apenas avultam algumas paginas com o supplicio de um nobre, o assassinio de outro, e o mysterio de um rei que morre, ao que parece, envenenado? Que distancia espantosa de um cadafalso, de um punhal, e da taça de veneno, ao cerco de Lisboa, á batalha d'Aljubarrota, ao baquear de Ceuta? No livro de Garcia de Rezende vê-se o aspecto triste, e a vida de agonia, e o sorrir forçado de um rei sem familia, rodeado de cortezãos, cujos <sup>3</sup> nomes pela maior parte se resolvem em fumo com o morrer do seu senhor, a quem seguem os ginetes de Fernão Martins, os besteiros e espingardeiros da guarda, não para pelejarem com estranhos, mas para o defenderem contra os odios dos seus naturaes. Ahi o vulto real abrange quasi os horisontes do quadro, e só lá no fundo, mal desenhadas e indistinctas, se enxergam as personagens historicas d'aquella época e as multidões

agitadas ou tranquilladas a um volver d'olhos do monarcha, mas nullo tanto em um como em outro caso. Na chronica de Fernão Lopes ha, pelo contrario, a historia d'uma geração; é um quadro immenso de muitas figuras no primeiro plano. Nos degraus do throno de D. João I estão assentados guerreiros e *sabedores*, e monges e clerigos, e povo que tumultua e brada com voz gigante — *patria!* — Ao pé da imagem homerica de Nunalvarez vê-se a fronte serena e santa do arcebispo de Braga, e a face meditabunda e enrugada de João das Regras; e os vultos terriveis do Ajax <sup>4</sup> portuguez, Mem Rodrigues e do esforçadissimo Martim Vasques, e de tantos outros cavalleiros a quem difficilmente sobrepuja o rei popular, o mestre de Aviz. O chronista faz-vos acompanhar as multidões quando rugem amotinadas pelas ruas e praças; guia-vos aos campos de batalha onde se dão e recebem golpes temerosos; abre-vos as portas dos paços ao celebrar <sup>5</sup> das côrtes, ao discutir dos conselhos; arrasta-vos aos templos onde trôa a voz do monge eloquente; lança-vos, emfim, no existir dos tempos antigos, e, embriagando-vos com o perfume da idade-media, e deslumbrando-vos com o brilho da época mais gloriosa da historia d'esta boa terra portugueza, evoca inteiro o passado, e, rasgando-lhe o sudario em que jaz, com o sopro do genio, dá alma, e vida, e linguagem ao que era pó, e morte, e silencio.

Em Ruy de Pina raro se encontra a historia da nação; em Garcia de Rezende talvez nunca. Fernão Lopes e Azurara tinham escripto no tempo de Affonso V; estes escreviam no de D. Manoel. D'ahi provem a differença.

Alexandre Herculano.

<sup>1</sup> § 189,1). <sup>2</sup> § 243. <sup>3</sup> § 190, a). <sup>4</sup> Famoso guerreiro grego no cerco de Troya. <sup>5</sup> § 135.



## SEGUNDA PARTE

---

### 137 — A historia

A historia é mãe da verdade, émula <sup>1</sup> do tempo, deposito das acções, testemunha do passado, exemplo e aviso do presente, advertencia do futuro.

Padre Antonio Vieira (1608-1797).

<sup>1</sup> competidora, rival, concorrente.

---

### 138 — A sabedoria

A sabedoria nos dá no animo temperança, alumia o entendimento, concerta a vontade, ordena <sup>1</sup> o mundo, e mostra a cada um o officio <sup>2</sup> de seu estado <sup>3</sup>. Esta é a rainha e senhora de todas as virtudes; esta ensina a justiça e tempera a fortaleza; por ella reinam os reis e governam os principes, e ella achou as leis com que se regem os homens.

Padre Manoel Bernardes (1644-1710).

<sup>1</sup> regula. <sup>2</sup> dever, obrigação. <sup>3</sup> condição, posição na sociedade.

---

139 — A Via lactea (pag. 3 na 4.<sup>a</sup> ed.)

A que nós chamamos no firmamento *estrada de Santiago*, os latinos *Via lactea*, e os gregos *galaxias*, é aquella zona ou faxa que vemos rodear o céu e apparecer de noite, da côr como de algodão raro, ou leite derramado (d'onde teve o dito nome, porque *gala* quer dizer leite); antigamente deu muito em que entender<sup>1</sup> aos philosophos averiguar o que era, e até Aristoteles, por mais que alguns o desculpem, fallou (como diz Jeronymo Vidal) puerilmente<sup>2</sup> no ponto, dizendo que era um aggregado de exhalações<sup>3</sup> accesas.

Hoje já consta que não é outra coisa mais que uma innumeravel multidão de estrellinhas juntas, que misturam a sua luz com outras: assim como uma amendoeira florída, vista de longe, parece um só ramalhete alvejando.

Padre Manuel Bernardes (1644-1710).

<sup>1</sup> ou, *deu muito que entender*. Distinga *dar que entender* e *dar a entender*. <sup>2</sup> como uma creança. L. *puer*, menino. *Puer-icia, -il, -ilidade*. <sup>3</sup> gazes ou particulas invisiveis que saem d'ura corpo. L. *HALARE*, sopprar, dar cheiro: *hal-ito*, *EXHAL-ar, -ação, -ante*, *INHAL ar, -ação, -ador, -ante*.

140 — A arvore e o sermão (pag. 4 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Uma arvore tem raizes; tem tronco, tem ramos, tem folhas, tem varas, tem flôres, tem fructos: assim ha-de ser o sermão. Ha-de ter raizes fortes e solidas, porque ha-de ser fundado no Evangelho<sup>1</sup>: ha-de ter um tronco, porque ha-de ter um só assumpto e tratar uma só materia. D'este tronco hão-de nascer diversos ramos, que são diversos discursos, mas nascidos da mesma materia e continuados nella: estes ramos não hão-de ser sêcos, mas cobertos de folhas, porque os

discursos hão-de ser vestidos e ornados de palavras. Ha-de ter esta arvore varas, que são a reprehensão dos vicios, ha-de ter flôres, que são as sentenças, e, em remate de tudo, ha-de ter fructos, que é o fructo o fim a que se ha-de ordenar o sermão. De maneira que ha-de haver fructos, ha-de haver varas, ha-de haver flôres, ha-de haver folhas, ha-de haver ramos; mas tudo nascido e fundado em um só tronco, que é uma só materia. Se tudo são troncos, não é sermão, é madeira: se tudo são ramos, não é sermão, são maravalhas<sup>2</sup>: se tudo são folhas, não é sermão, são verças: se tudo são varas, não é sermão, é feixe: se tudo são flôres, não é sermão, é ramallete. Serem tudo fructos não pôde ser, porque não ha fructo sem arvore. Assim que nesta arvore, a que podemos chamar arvore da vida, ha-de haver o proveitoso do fructo, o formoso das flôres, o rigoroso das varas, o vestido das folhas, o extendido dos ramos; mas tudo isto nascido e formado de um só tronco, e esse não levantado no ar, senão fundado nas raizes do Evangelho.

Padre Antonio Vieira (1608-1697).

<sup>1</sup> *boa nova*. 1) Doutrina de Christo; 2) livro que a contem. Primitivo G. *aggelos*, mensageiro (L. *angelus*) Anjo, angel-ico, -ical, -olatria; archanjo; evangel-iaro, -ico, -ismo, ista, -izar, -ização, -izador, -izante. <sup>2</sup> aparas de madeira, ou ramos meudos com que se accende o fogo. No sentido figurado, bagatellas, ninharias.

---

141 — Quadro de uma scena de aldeia

(Pag. 5 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Pelas serras a neve branquejava,  
 O ribeiro gelado não corria,  
 O sol, que já dos valles se apartava,  
 Uma nuvem o<sup>1</sup> mostrava, outra o cobria.



Os cordeiros atraz das mães balando  
 Se andavam pelas mattas abrigando:  
 Os ventos tão furiosos assopravam,  
 Que as rochas parecia que abalavam:  
 Remavam para a praia os pescadores,  
 Recolham-se ás choças os pastores,  
 Quando já na cabana de Dalmido  
 Uns vizinhos pastores se ajuntavam,  
 Onde os serões do inverno desabrido  
 Em saborosa pratica passavam.  
 É Dalmido d'idade em decadencia,  
 Mas d'animo robusto e esforçado,  
 Largamente ensinado da experiencia,  
 E a climas diversos costumado.  
 Tem despovoado o alto da cabeça,  
 A barba quasi branca, mas espessa,  
 É venerando, alegre de semblante<sup>2</sup>  
 E d'antigas historias abundante.  
 Sentados os pastores rodeavam  
 Uns sêcos troncos vivamente ardendo,  
 Concavos tarros<sup>3</sup> uns formando estavam,  
 E cestinhos de cana outros tecendo;  
 E o bom velho no seu usado assento<sup>4</sup>,  
 Todo entregue a seu sabio pensamento,  
 Na mão, em que o cajado sustentava,  
 A respeitavel face reclinava.

Domingos dos Reis Quita (*Alcino Mycenio*, 1728-1770).

<sup>1</sup> § 113 fim. <sup>2</sup> § 145. <sup>3</sup> Vaso em que os pastores recolhem o leite quando o vão ordenhando. Tambem se chamam assim uns cestos de vime em que se expreme o queijo. <sup>4</sup> distinga do homophono *accento*.

---

142 — A estatuaria (pag. 6 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Arranca o estatuario uma pedra d'essas montanhas, tosca, bruta, dura, informe; e, depois que desbastou o

mais grosso, toma o maço e o cinzel na mão, e começa a formar um homem : primeiro membro a membro, e depois feição por feição, até á mais meuda. Ondeia-lhe os cabellos, aliza-lhe a testa, rasga-lhe os olhos, afila-lhe o pescoço, estende-lhe os braços, espalma-lhe as mãos, divide-lhe os dedos, lança-lhe os vestidos, aqui desprega, alli arruga <sup>1</sup>, acolá recama : e fica um homem perfeito, e talvez um santo, que se pôde pôr no altar.

Padre Antonio Vieira (1603-1697).

<sup>1</sup> ou enrugar, fazer rugas ou pregas.

---

143 — Mansor (pag. 6 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Mansor, rei de Marrocos, alongando-se dos seus na caça, veio, já de noite, a achar-se perdido entre umas lagôas ; mas, divisando ao longe uma escassa lucerna <sup>1</sup>, esta, servindo de pharol, conduziu seus passos aonde um pobre pescador estava armando ás enguias com candeio. Alli hospedado, ainda que não conhecido, quando pela manhã chegou a turba dos criados, pagou ao pescador o colmo, com que o cobriu uma noite, com lhe dar muitos castellos e casas, que, muradas, foram o principio da cidade de Ucabir, de que o fez principe. E chegou em pouco tempo a encerrar dentro quinhentas familias. Bom peixe pilhou este homem ao seu candeio ! São mãos do jogo da fortuna !

Padre Manuel Bernardes (1644-1710).

<sup>1</sup> ou *luzerna*, claridade, luz, lampião. L. *Lucem*, luz. *Luz-eiro*, -ente, -ir, -io, -ido, -imento, luc--idar, -idez, -ido, -ifero (L. *fero*, levo), -iferario, -ifugo (L. *fugio*, fujo), -metro (G. *metron*, medida), elucid-ar, -ação, -ario, ativo, lucubração ou elucubração (acção de produzir á força de vigílias ; L. *lucubrare* = *luce operari*, trabalhar á luz).

144 — Soneto (pag. 6 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Camões, grande Camões, quão semelhante  
 Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!  
 Igual causa nos fez, perdendo o Tejo,  
 Arrostar c'o sacrilego gigante<sup>1</sup>:

Como tu, junto ao Ganges<sup>2</sup> sussurrante,  
 Da penuria cruel no horror me vejo;  
 Como tu, gostos vãos, que em vão desejo  
 Também carpindo estou, saudoso amante;

Ludribio, como tu, da sorte dura,  
 Meu fim demando ao céu, pela certeza  
 De que só terei paz na sepultura:

Modelo meu tu és... Mas oh tristeza!  
 Se te imito nos transe da ventura,  
 Não te imito nos dons da natureza.

Manuel Maria Barbosa du Bocage (*Elmano Sadino*, 1765-1805).

<sup>1</sup> Adamastor; V. o respectivo episodio dos *Lusiadas* nesta *Selecta*. <sup>2</sup> Rio da India que nasce no monte Hymalaya, no Thibet, e percorrendo 470 leguas atravessa o Thibet, as provincias de Delhy, Agra, Aoudh, Allahabad, Behan e Bengalla. O Ganges é um rio sagrado para os hindas (habitantes da India).

---

145 — É o coração do homem como a menina do olho,  
 que tudo lhe cabe e nada o satisfaz  
 (Pag. 7 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Esta é pois a semelhança que tem o coração do homem com a menina do olho; porque assim como a menina do olho, sendo na quantidade tão pequena, é na capacidade tão grande, que a não farta todo o mundo, assim o coração do homem, sendo na quantidade tão

pequeno, é na capacidade tão grande, que o não satisfazem todas as coisas d'elle.

Herda um homem de seus paes um morgado, e uma casa muito grande, e muito antiga; cabem-lhe no coração, mas não o satisfazem. Accresce-lhe por outra linha outro morgado, e outra casa maior; cabem-lhe no coração, mas não o satisfazem. Com o augmento das rendas <sup>1</sup> fundam-se novos e soberbos edificios para habitação, com frescos jardins para o regalo; crescem os faustos nos coches, nas liteiras, nas tapeçarias e nos criados; multiplicam-se as delicias nas galas mais vistosas, nas iguarias mais diversas e mais saborosas, nos cheiros mais puros, nas musicas mais suaves, e nos instrumentos mais bem accordados <sup>2</sup>: tudo isto cabe no coração do homem, mas não o satisfaz. Dão-lhe um titulo muito honrado, e muito extendido em terras e em jurisdição, e ainda cabe no coração do homem, mas não o satisfaz: dão-lhe outro titulo maior e o melhor que se póde dar; ainda lhe cabe no coração, mas ainda o não satisfaz.

Valha-me Deus! nada satisfaz este coração? Não; que nada o póde satisfazer.

É o coração do homem como a menina do olho, que tudo lhe cabe e nada o satisfaz.

Padre Bartholomeu do Quental (1626-1698).

<sup>1</sup> § 177,2. afinados.

---

146 — Amigos do meu (pag. 8 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Quando alguém tem pão em sua casa, tem tambem em sua casa amigos.

Esta casta de amigos, não meus, senão do meu, tem varias semelhanças que declaram mais a sua falsidade. Uns disseram que se pareciam com os golfinhos <sup>1</sup>, que

acompanham festivamente aos meninos, que andam nadando, em quanto ha bastante agua onde elles possam<sup>2</sup> nadar tambem; mas, tanto que esta falta, se retiram ao alto<sup>3</sup>, porque não querem nadar em sêco.

Outros os comparam ao corvo, que tornou para a arca em companhia de Noé, só emquanto não achou cadaveres que comer, porque o diluvio estava ainda sobre a terra.

Outros os comparam ao azougue<sup>4</sup>, que se pega muito ao oiro, onde quer que lhe dá o faro d'elle; mas se o mettem no fogo, em um momento vôa. Ha hoje muitos amigos azougados que, no tempo do fogo da tribulação, logo fogem.

Outros os assemelham ás formigas que nunca andam pelos celleiros vazios.

Padre Manoel Bernardes (1644-1710).

<sup>1</sup> Cetaceos, que tambem se chamam *delfins*, de que ha muitas especies. <sup>2</sup> § 218, a 1. <sup>3</sup> O mar alto: assim dizemos: pescada do alto, pescador grande do alto, etc. <sup>4</sup> ou mercurio.

147 — Quadro da natureza (pag. 9 na 4.<sup>a</sup> ed.)

De estrellas recamada, a noite umbrosa<sup>1</sup>  
 Cedia o campo azul do immenso espaço  
 Á doce luz da matutina aurora.  
 De seu rosto purpureo e mãos de neve,  
 Do fresco orvalho transparentes gottas,  
 Como brilhantes perolas, caíam  
 Sobre os risonhos prados, que parece  
 Darem maior realce ao verde esmalte,  
 Com que opulenta natureza os veste.  
 Já de escarlata e d'oiro ondas immensas  
 Aos céos orientaes se diffundiam:  
 Os rorejantes<sup>2</sup> Zephiros<sup>3</sup> co'as azas  
 Davam ligeiro movimento ás folhas

Das verdejantes arvores copadas ;  
 E do meigo Favonio<sup>3</sup> ao doce assopro,  
 Do brando somno as flôres despertavam,  
 Offerecendo á sussurrante abelha  
 No calice mimoso o nectar<sup>4</sup> puro.  
 Quasi o limbo<sup>5</sup> do disco auri-splendente<sup>6</sup>  
 No purpureo horizonte apparecia ;  
 Co'a primeira effusão da luz serena,  
 Já da nocturna sombra o mundo emerge,  
 E aos olhos dos mortaes se mostra o mundo.  
 A vaga turba aligera<sup>7</sup> acordando,  
 Nos hymnos matinaes, tributos dava,  
 Dos céos e terra ao arbitro supremo<sup>8</sup>,  
 A cujo eterno aceno a natureza  
 Tem leis, tem ordem, movimento e vida.

Padre José Agostinho de Macedo (1761-1831).

<sup>1</sup> que dá ou produz sombra. <sup>2</sup> que trazem ou levam orvalho.  
<sup>3</sup> nome dado pelos gregos a todos os ventos brandos e agradáveis. Criam os antigos que elles eram filhos de Zephiro (o Favonio dos latinos) e da deusa Flora. <sup>4</sup> É a bebida que Hebe e Ganymedes apresentava aos deuses. Os botanicos chamam *nectario* a certas partes das flôres que contêm ou segregam um succo sacharino de que as abelhas fabricam o mel. <sup>5</sup> Rebordo exterior do disco, ou superficie apparente dos astros. <sup>6</sup> que resplandece como o oiro <sup>7</sup> que tem azas. A turba aligera são as aves, os passaros. <sup>8</sup> Deus.

---

#### 148 — A adulação

A adulação é aquelle perpetuo mal ou achaque dos réis cuja grandeza, opulencia, e imperios muitas mais vezes destruiu a lisonja dos aduladores, que as armas dos inimigos.

Padre Antonio Vieira (1608-1697).

---

149 — Quem quer vae, quem não quer manda  
(pag. 10 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Mui judicioso é o apologo<sup>1</sup>, que se conta das cotovias, que tinham seus ninhos entre as searas. Dissera o dono do campo a seus criados, que tratassem de metter a fouce, se vissem estar os pães já sazoados; e ouvindo este recado uma d'ellas, foi pelos ares avisar as outras, que mudassem de sitio, porque v.nham logo os segadores; porém outra mais velha as aquietou do susto, dizendo: deixemo-nos estar, que, de mandar elle os criados a fazer-se a obra, vae ainda muito tempo. D'alli a alguns dias, ouviram que o amo se agastava com os criados, porque não tinham feito o que lhes encommendára, e que mandava sellar a egua para elle mesmo ir ver o que convinha.

Agora sim (disse então aquella cotovia astuta), agora sim, irmã, levantemos o vôo e mudemos a casa, que vem quem lhe<sup>2</sup> doe a fazenda.

Padre Manoel Bernardes (1644-1710).

<sup>1</sup> historieta fabulosa, com que se procura mostrar uma verdade. Diferença-se de *fabula*. Esta, só apresenta por interlocutores os animaes e as coisas inanimadas, e o *apologo* que é mais extenso, faz fallar os animaes, os deuses, os homens, as coisas insensiveis e ainda os seres abstractos. Vulgarmente usam-se estas palavras uma por outra. <sup>2</sup> § 250 fim.

---

150 — O padre Antonio Vieira (pag. 11 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Do P. Antonio Vieira diremos pouco, porque occupariamos todo este livro, se fosse necessario provar que é o classico mais auctorizado da lingua portugueza; mas ninguem ha entre nós, que o não confesse, nem entre os estranhos, que o não saiba. Se não me cega a paixão, ou não me enganam os testemunhos de

sabios infinitos, nem antes, nem depois d'este singular orador, tivemos penna do mesmo aparato.

Possuiu elle em grau sublime todas as delicadezas, propriedade e energia da sua lingua; e por isso é que <sup>1</sup> ainda ninguem duvidou usar de vocabulo, phrase e expressão achada em seus escriptos, ou se atreveu a censurá-las, achando-as em alheios, exceptuando uma ou outra palavra, que o uso inteiramente deu por antiquada, injuria a que estão sujeitos os classicos mais distinctos das linguas vivas.

Seguir sempre em tudo e por tudo o fallar de Vieira, é uma segurissima regra de conseguir não só a pureza, mas o louvor de ter todo o conhecimento das subtilezas do idioma portuguez; porque nenhum outro classico temos, que escrevesse tanto e sobre tão diversas materias.

Francisco José Freire (*Candido Lusitano*).

1 § 248.

---

151 — Exemplo de caridade (pag. 12 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Por <sup>1</sup> fim de janeiro, primeiro que teve em Braga, apresentaram-lhe umas lampreias.

Não faltou quem o advertiu <sup>2</sup> que era costume de seus antecessores, as primeiras lampreias, que se pescavam, enviarem-se á rainha, e, para chegarem frescas e boas, buscavam um valente peão <sup>3</sup>, que, bem pago, corria com ellas como em posta <sup>4</sup>.

Ouviu o conselho, mandou que se buscasse <sup>5</sup> o correio, que se fizesse preço do porte e caminho.

Feito tudo, mandou vir deante as lampreias, e o dinheiro que se montava ao caminheiro; e logo fez entregar tudo ao seu esmoler, com ordem que as lampreias se vendessem, e o dinheiro d'ellas, como o do correio, se desse aos pobres; accrescentando que a rainha de Portugal tinha rendas e poder para mandar



comprar e levar lampreias, quando as quizesse <sup>6</sup>, de muito mais longe: e tinha tanta virtude e caridade, que não havia de achar sabor nas que lhe fossem de Braga á custa d'aquelles necessitados, por quem mandava repartir o dinheiro.

Fr. Luiz de Souza (1555-1632).

<sup>1</sup> § 152, c. <sup>2</sup> por advertisse. <sup>3</sup> homem que anda a pé. Também se chamavam peões os soldados de infantaria. Do L. *pedaneus* <sup>4</sup> estação de cavallos collocada de distancia a distancia em uma estrada para muda das parelhas do tiro, ou para serviço dos viandantes. <sup>5</sup> § 214, 1, e § 220, b. <sup>6</sup> § 220, b.

152 — A primavera (pag. 12 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Já nasce o bello dia,  
Principio do verão, formoso e brando,  
Que com nova alegria  
Estão denunciando  
As aves namoradas  
Dos floridos raminhos penduradas.

Já abre a bella aurora  
Com nova luz as portas do oriente,  
E mostra a linda Flora <sup>1</sup>  
O prado mais contente,  
Vestido de boninas,  
Aljofradas de gottas crystalinas.

Já o sol mais formoso  
Está ferindo as aguas prateadas,  
E Zephiro <sup>2</sup> queixoso,  
Ora as mostra encrespadas  
Á vista dos penedos,  
Ora sobre ellas move os arvoredos.

fairy good.  
Some shivers  
nature

Diana <sup>8</sup> mais formosa,  
 Sem vento, sobre as aguas apparece,  
 E faz que a noite irosa  
 Tão clara resplandece  
 Á vista das estrellas,  
 Que se envergonha o sol, inveja d'ellas.

Tudo, nesta mudança,  
 Tambem de novo cobra novo estado;  
 Qual <sup>9</sup> em sua esperança,  
 E qual em seu cuidado  
 Acha contentamento;  
 Qual melhora na vida o pensamento.

Francisco Rodrigues Lobo (m. entre os annos de 1623 a 1627).

<sup>1</sup> Deusa das flôres e da primavera e mulher de Zephiro. Cloris ou Chloris foi tambem o nome de uma nympha que Zephyro desposou, dando-lhe em dote o imperio sobre as flôres, d'onde veiu ser reverenciada como deusa, sob o nome de Flora. <sup>2</sup> V. a nota 3 ao trecho 169. <sup>3</sup> Margem do rio. <sup>4</sup> Ataviar-se, enfeitar-se. <sup>5</sup> Ou Liz: este rio nasce a uma legua de Leiria, que banha, e vae com o rio Lena entrar no mar. <sup>6</sup> Moraes, no seu Diccionario, faz differença entre *sanfona* e *sanfonha*, sendo a primeira um instrumento rustico de cordas, e, a segunda um instrumento rustico tambem a modo de *frauta*, composto de muitas *frautas* ou flautas. <sup>7</sup> Ou sanfonas. <sup>8</sup> Deusa da caça e da castidade. Denominava-se Hécate no céo (a lua) e Diana sobre a terra. <sup>9</sup> § 68, *Obs.*

153 — Brevidade nos despachos (pag. 33 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Passando el-rei D. Sebastião do paço de Xabregas para o mosteiro, chegou uma mulher a presentar-lhe um memorial. Recebeu o e entregou-o a um fidalgo dos que o acompanhavam. Ella, affligida, disse:

— Senhor, corre minha honra perigo na tardança. Poz nella os olhos el-rei com aquelle affecto de pae,

De reluzente areia  
 Se mostra mais formosa a rica praia,  
 Cujas<sup>3</sup> se arreia<sup>4</sup>  
 Do alamo, e da faia,  
 Do freixo, e do salgueiro,  
 Do ulmo, da aveleira, e do loireiro.

Já com rumor profundo  
 Não sôa o Lis<sup>5</sup> nos montes seus vizinhos;  
 Antes no claro fundo  
 Mostra os alvos seixinhos,  
 E os peixes que nas veias  
 Deixam, tremendo, a sombra nas areias.

Já sem nuvens medonhas  
 Se mostra o céu vestido de outras cores,  
 Já se ouvem as sanfonhas<sup>6</sup>,  
 E frautas dos pastores,  
 Que vão guiando o gado  
 Pela fragosa serra, e pelo prado.

Já nas largas campinas,  
 E nas verdes descidas dos outeiros,  
 Ao som das sanfoninas<sup>7</sup>,  
 Cantam os ovelheiros,  
 Em quanto os gados pascem  
 As mimosas hervinhas que renascem.

Sobre a tenra verdura  
 Agora os cabritinhos vão saltando,  
 E sobre a fonte pura  
 Passa a noite, cantando,  
 O rouxinol suave,  
 Com saudoso accento, agudo e grave.

que foi tão proprio de seus antepassados, para com os seus vassallos, pediu recado <sup>1</sup> de escrever e alli mesmo despachou o memorial dizendo :

— Os negocios d'esta qualidade em toda a parte devem ter despacho prompto.

\*

Ha negocios e occorrencias, que se lhes deve acudir como se tangeram <sup>2</sup> a fogo. Que ridiculo seria o que chamado para apagar um incendio, respondesse mui repousado : Em almoçando, eu vou <sup>3</sup> logo !

\*

Assim como quem dá logo, dá duas vezes, assim parece que despacha duas vezes, quem despacha bem e logo. Despacha uma vez, concedendo a mercê ; e despacha outra, atalhando passos, cuidados e despezas.

\*

A el-rei D. João II de Portugal, chegou um pretendente, pedindo certo officio.

— Já está dado (disse o rei).

E o pretendente lhe rendeu as graças, beijou a mão e despediu-se. Suspeitou o rei, que não percebera a repulsa e disse :

— Vinde cá : de que me destes as graças ?

— Pela mercê (respondeu) que vossa alteza me acaba de fazer.

Tornou o rei :

— Que mercê vos fiz eu ?

— Senhor, disse ultimamente o homem, a de desenganar-me, sem me remetter a ministros : porque nisto me poupou muitos passos, e enfado e dinheiro, que havia de desembolsar sem proveito.

Padre Manoel Bernardes (1644-1710).

<sup>1</sup> provisão do necessario. Aqui, recado de escrever é tinteiro, penna, papel, etc. <sup>2</sup> v. § 208, b. <sup>3</sup> § 205, c.

154 — Morte de Miguel Vasconcellos (pag. 16 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Romperam os confederados facilmente a porta, e, não achando a <sup>1</sup> Miguel de Vasconcellos, entenderam se livrara, passando á casa da India para onde tinha comunicação, do que arrasoadamente se affligiram, mas, advertidos de <sup>2</sup> uma escrava, abriram um almario de papeis onde acharam que estava escondido. Disparou-lhe D. Antonio Tello uma pistola ; sentindo-se ferido, saiu á casa, onde recebeu outras feridas mortaes de que caiu ; porém, ainda vivo, o lançaram ao terreiro por uma das janellas. Aguardava-o quantidade de gente, que havia concorrido, d'aquella que sem attenção busca o rumor.

Ao mesmo tempo que caiu o miseravel corpo moribundo, se empregou nelle toda aquella desconcertada ira sem perdoar a algum excesso, e ficou em um instante desprezo commum o mesmo que havia sido respeito universal, e, parecendo a todos uma só vida pequena satisfação de tantas culpas, vingava cada um naquelle cadaver a sua ira, como se estivera <sup>3</sup> capaz de sentimento.

Depois de extinctos todos os opprobrios, e de apuradas todas as affrontas, foi enterrado a instancias de Gaspar Severim de Faria, que servia aquelle anno de escrivão da Misericordia, e veiu a padecer <sup>4</sup> os castigos, que justamente haviam merecido os seus desconcertos.

Conde da Ericeira (1632-1690).

<sup>1</sup> § 120. <sup>2</sup> § 143. <sup>3</sup> § 208. *b.* <sup>4</sup> § 82, *c.*

155 — Canção (pag. 17 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Por meio de umas serras mui fragosas,  
Cercadas de silvestres arvoredos,  
Retumbando por asperos penedos,  
Correm perennes aguas deleitosas.

Na ribeira de Buina, assim chamada,  
 Celebrada,  
 Porque em prados  
 Esmaltados  
 Com frescura  
 De <sup>1</sup> verdura,  
 Assi se mostra amena, assi graciosa,  
 Que excede a qualquer outra mais formosa,  
 As correntes se vêm <sup>2</sup> que, acceleradas,  
 As ervas regalando e as boninas,  
 Se vão a entrar nas aguas Neptuninas,  
 Por diversas ribeiras derivadas.

Com mil brancas conchinhas a aurea areia  
 Bem se arreia ;  
 Voam aves ;  
 Mil suaves  
 Passarinhos  
 Nos raminhos

Áccordemente estão sempre cantando,  
 Com doce accento os ares abrandando.

O doce rouxinol num ramo canta,  
 E de outro o pintasilgo lhe responde :  
 A perdiz de entre a matta, em que se esconde,  
 O caçador sentindo, se levanta :

Voando vae ligeira mais que o vento ;  
 Outro assento  
 Vae buscando,  
 Porém quando  
 Vae fugindo,  
 Retinindo,

Traz ella mais veloz a setta corre,  
 De que, ferida, logo cae, e morre.

Aqui Progne <sup>3</sup>, de um ramo em outro ramo,  
 Co'o peito ensanguentado anda voando,  
 Cibato para o ninho indo buscando:  
 A leda codorniz vem ao reclamo  
 Do sagaz caçador, que a rede estende,  
 E pretende

Com engano  
Fazer damno  
Á coitada  
Que engodada

De uns esparzidos grãos de loiro trigo,  
Nas mãos vae a cair de seu imigo<sup>4</sup>.

Aqui sôa a calhandra na parreira ;  
A rola geme ; palra o estorninho ;  
Sae a candida pomba do seu ninho ;  
O tordo pousa em cima da oliveira ;  
Vão as doces abelhas sussurrando,

E apanhando  
O rocio  
Fresco e frio,  
Por o prado  
De erva ornado,

Com que aureo licor fazem, que deu  
Á humana gente a industria de Aristéo<sup>5</sup>.

Aqui uvas luzidas penduradas  
Das pampinosas vides resplandecem :  
As frondiferas arvores se offerecem  
Com diferentes fructos carregadas :  
Os peixes na agua clara andam saltando,

Levantando  
As pedrinhas  
E as conchinhas  
Rubicundas  
Que as jucundas

Ondas comsigo trazem, crepitando  
Por a praia alva, com ruido brando.

Aqui por entre as serras se levantam  
Animaes Calydonios<sup>6</sup>, e os veados,  
Na fugida inda mal assegurados,  
Porque do som dos proprios pés se espantam.  
Sae o coelho, a lebre sae manhosa

Da frondosa,  
Breve matta  
D'onde a cata

Cão ligeiro  
Mas, primeiro

Que ella ao contrario férvido se entrégue,  
A' vezes deixa em branco a quem a segue.

~~Padre Antonio Vieira (1608-1697).~~

<sup>1</sup> § 140, a, . <sup>2</sup> § 85. *Obs.* 1 ao verbo *ter*. <sup>3</sup> nome poetico da andorinha. <sup>4</sup> por inimigo (syncope.) <sup>5</sup> filho de Apollo e de Cyrenne. Allude á creação das abelhas a que se entregava. <sup>6</sup> animacs Calydoneos são os javalis.

156 — A guerra (pag. 19 na 4.<sup>a</sup> ed )

É a guerra aquelle monstro, que se sustenta das fazendas, do sangue, das vidas, e, quanto mais come e consome, tanto menos se farta. É a guerra aquella tempestade terrestre, que leva os campos, as casas, as villas, os castellos, as cidades, e talvez em um momento sorve reinos e monarchias inteiras.

É a guerra aquella calamidade composta de todas as calamidades, em que não ha mal algum que ou se não padeça <sup>1</sup>, ou se não tema, nem bem que seja proprio e seguro. O pae não tem seguro o filho, o rico não tem segura a fazenda, o pobre não tem seguro o seu suor, o nobre não tem segura a honra, o ecclesiastico não tem segura a immuniidade <sup>2</sup>, o religioso não tem segura a sua cella <sup>3</sup>, e até Deus nos templos e nos sacrariorios não está seguro.

Padre Antonio Vieira (1608-1697).

<sup>1</sup> § 192, c. <sup>2</sup> liberdade, privilegio, prerogativa ; L. MUNUS, cargo, função, dão, presente ; immune (privativo *in*, livre de encargos ou obrigações) ; municip-io (L. *capere*, tomar), -al, -e, -alidade, munific-ente (*facere*, fazer), -o, -encia ; remuner-ar, -ação, -ador, -activo, -atorio, -avel, -oso, <sup>3</sup> Distinga do homophono *sella*.



157 — A velhice (pag. 20 na 4.<sup>a</sup> ed.)

A velhice é uma quasi morte, assim como o crepusculo vespertino <sup>1</sup> é uma quasi noite. Como os montes d'aquella idade são mui altos, e o sol da vida declina para o occaso, que muito que as sombras d'ella sejam maiores ! Da vida toda, as fezes são as cançadas respirações d'um velho achacoso ; e quem chegou ás fezes certo que toca no fundo. Que outra coisa é ver um velho enfermo, encurvado, e tremulo, senão vêr um composto de vida e de morte ? Por isso um poeta, vendo a um d'estes forcejando por andar com o seu bordão disse:

Porque apertas mais comtigo,  
E esse pau na mão te arrasta ?  
Ir em dois pés não te basta,  
Em busca do teu jazigo ?

E outro perguntado, porque andariam os velhos com a cabeça baixa olhando para o chão, respondeu-lhe graciosamente: «Buscam onde enterrar-se.» — O imperador Julio Cesar nos principios de seu governo portou-se com moderação e suavidade, attendendo á disposição das leis ; depois não punha grande reparo em as quebrar, usando de absoluta auctoridade, ou violencia. Um senador mui ancião, por nome Considio, lhe disse livremente : «Senhor, sabei que se o senado vos não vae á mão, é porque com o temor de vossas armas não nos ajuntamos a determinar o que convem». Respondeu o Cesar: «Pois como te não obriga o mesmo temor a estar em tua casa e a calar a bôca?» — «com a muita idade (disse Considio) gastou-se-me o medo ; porque a vida que posso perder é já pouca.» — Vendo o philosopho Demetrio a um mancebo diligente e industrioso, e inimigo de ocio, disse-lhe, approvando o seu espirito: «Continuae, mancebo, e á noite da vossa velhice achareis a cea bem feita, e a mesa posta.»

<sup>1</sup> Chama-se Vespero ao planeta Venus quando apparece á tarde ; vulgarmente se diz a estrella da tarde. Astro vespertino, em linguagem poetica, se chama tambem aquelle planeta. Vespertino é pois um adj. que significa : relativo ou pertencente á tarde, ou ao Vespero.

---

### 159 — A velhice

A velhice é o horizonte da vida e da morte, o horizonte onde se ajunta a terra com o céo, e o tempo com a eternidade.

Padre Antonio Vieira (1608-1797).

---

### 159 — Soneto

Alegres campos, verdes arvoredos,  
 Claras e frescas fontes de crystal,  
 Que em vós os debuxaes ao natural  
 Discorrendo da altura dos rochedos :

Silvestres montes, asperos penêdos,  
 Compostos de verdura desigual,  
 Sabei que sem licença do meu mal  
 Já não podeis fazer meus olhos lêdos.

E, pois já me vedes como vistes,  
 Não me alegam verduras deleitosas,  
 Nem agoas, que correndo alegres vêm;

Semearei em vós lembranças tristes,  
 Regar-vos-hei com lagrimas saudosas,  
 E nascerão saudades do meu bem.

Luiz de Camões (1524-1586).

160 — O lobo e o cordeiro (pag. 21 na 4.<sup>a</sup> ed.)

No tempo em que o lobo e o cordeiro estavam em treguas <sup>1</sup>, desejava aquelle que se offerecesse occasião para as romper, e um dia em que ambos se acharam na margem d'um regato, indo beber, disse o lobo mui encolerizado contra o cordeiro :

— Porque me turbaes a agua que vou beber ?

Respondeu elle mansamente :

— Senhor fulano lobo, como posso eu turbar a vossa mercê a fonte, se ella corre de cima, e eu estou cá mais abaixo ?

Reconheceu o adversario a clareza da solução do seu argumento ; porém, variando de meio, instou dizendo :

— Pois se não a turbastes agora, a turbastes o anno passado.

Satisfez o cordeiro, dizendo :

— Como podia eu commetter esse crime haverá um anno, se eu não tenho ainda de idade mais que seis mezes !

Então o lobo enfadado, tanto mais quanto convencido, disse :

— Pois se não fostes vós, foi fulano carneiro vosso pae.

E, investindo ao pobrezinho, o levou nos dentes.

Assim fazem os impios e maliciosos, a quem não ha innocencia que satisfaça, nem desculpa que contente.

Padre Manoel Bernardes 1644-1710).

<sup>1</sup> suspensão temporaria de armas e hostilidades. Este vocab. usa-se mais no pl. que no sing. Veja todavia n.º 112, 3.<sup>a</sup> linha.

## 161 — Retrato de Affonso de Albuquerque

Era homem de compassada estatura, rosto alegre e gracioso ; ao tempo que se indignava tinha um aca-

tamento <sup>1</sup> triste; trazia sempre a barba mui comprida depois que começou a mandar gente, e, como era alva, dava-lhe grande veneração. Era homem de muitas graças e motes, e em algumas melancolias leves no tempo do mandar soltava muitos, que davão prazer a quem estava de fóra. Fallava e escrevia muito bem, ajudado de algumas lettras latinas que tinha. Era sagaz e manhoso em seus negocios; sabia confiar as cousas a seu proposito; trazia grandes anexins de ditos para comprazer á gente, segundo os tempos e qualidade da pessoa de cada um. Era mui fragueiro <sup>2</sup> e rixoso <sup>3</sup>, se o não comprazia qualquer cousa. Cansava muito os homens no que lhes mandava fazer por ter um espirito apressado. Foi de muita esmola e devoto; no enterro dos mortos elle era o primeiro. Nas execuções foi um pouco apressado, e não mui piedoso. Fazia-se temer dos Mouros, e tinha grandes cautelas para d'elles levar a melhor.

João de Barros (1493-1570).

<sup>1</sup> semblante. <sup>2</sup> mal soffrido, rude. <sup>3</sup> bulhento, colerico.

---

162 — Ode á vida rustica (pag. 22 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Oh mil vezes feliz o que encerrado  
 Entre baixas paredes  
 O tormentoso inverno alegre passa!  
 Que de um pequeno campo,  
 Que elle mesmo cultiva, se alimenta  
 Apascentando as vaccas,  
 Que da mão paternal <sup>1</sup> sómente herdou  
 C'os doirados novilhos.  
 Em quanto sobre a terra se reclina  
 Dormindo descansado  
 Ao som das frescas aguas de um regato,  
 Horrorosos cuidados

O não vêm perturbar no brando somno.  
     A sordida cubiça  
 Lhe não fez conceber vastos projectos :  
     Não pensa, não intenta  
 Atravessar o cabo tormentoso <sup>2</sup>,  
     Soffrer chuvas e ventos,  
 Ouvir roncar as denegridas ondas,  
     E ver na feia noite  
 Entre nuvens a lua ir escondendo  
     O macilento rosto,  
 Por <sup>3</sup> ir commerciar c'os pardos indos,  
     E chinas engenhosos.  
 A sêde insaciavel de riquezas  
     Não faz que exponha a vida  
 Nos desertos sertões ás verdes cobras,  
     E aos remendados <sup>4</sup> tigres.  
 Ah ! illustre Soeiro, doce amigo,  
     O oiro de que serve,  
 Se os annos vão correndo tão velozes ?  
     Se a morte não consente  
 Que a enrugada e pallida velhice  
     Com passos vagarosos  
 Nos venha coroar de niveas cãs ?  
     O senhor opulento  
 Ao seu pobre vizinho encurte o campo  
     Que alegre cultivava ;  
 Levantando soberbos edificios,  
     Arranque as oliveiras,  
 O choupo que sustenta as roxas uvas,  
     Para ornar seus jardins  
 De esteril murta, de cheirosas plantas ;  
     O campo, que ondeava  
 Com as uteis e pallidas espigas,  
     Cubra da fresca sombra  
 Do espesso cedro, do frondoso loiro ;  
     Alegre vá passando  
 No seio das delicias e regalos.  
     Mas ah ! que não adverte

Que as tres filhas da noite, as impias Parcas<sup>5</sup>,  
 Girando os leves fusos,  
 Lhe acabam de fiar os curtos dias!  
 Que a morte inexorabil<sup>6</sup>  
 Se chega ao rico leito em que descança,  
 Mostrando-lhe entre sombras  
 A macilenta mão com que lhe pega;  
 Já entre mil angustias,  
 Entre os frios suspiros, que derrama,  
 Acaba a triste vida,  
 Que inventava gozar por longos annos.  
 Só tu, filha do céo,  
 Impavida Virtude, não extranhas  
 O aspecto da morte.

Pedro Antonio Correia Garção (*Corydon Erymantheu* 1724-1772).

<sup>1</sup> não é indifferente o emprego dos adj. *paterno* e *paternal*. (V. Fr. Francisco de S. Luiz no *Ensaio sobre alguns synonymos da lingua portugueza*, e o *Diccionario de synonymos* de Roquette e Fonseca). A mesma differença estabelecem os citados philologos entre *materno* e *maternal*.

No texto acima, o poeta haveria talvez dito com mais propriedade *mão paterna*. <sup>2</sup> o Cabo da Boa Esperanca, que se denominava tormentorio ou tormentoso (onde ha *tormentas*, *tempestades*):

Eu sou aquelle occulto e grande cabo  
 A quem chamais vós outros *Tormentorio*;

(CANÇÕES.—Lus. no episodio do Adamastor).

<sup>3</sup> gr. § 165. <sup>4</sup> malhados, mosqueados, listrados. <sup>5</sup> filhas de Érebo e da Noite. Eram tres: Clotho, Lachesis e Átropos. A vida dos homens, de que estas tres irmãs fiavam a teia, achava-se nas suas mãos. Clotho pegava na roca, Lachesis fazia girar o fuso e Atropos cortava o fio com uma tesoura. <sup>6</sup> inexoravel.

---

163 — O pedir (pag. 24 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Não ha coisa que tanto repugnem os homens como o pedir. É tal esta repugnancia, que nem o sangue a

modera, nem o amor a facilita, nem ainda a mesma ambição, que é mais, a vence. Deixar é grandeza, pedir é sujeição; deixar é desprezar, pedir é fazer-se desprezado; deixar é abrir as mãos próprias; pedir é beijar as alheias: deixar é comprar-se, porque quem deixa livra-se. Pedir é vender-se, porque quem pede captiva-se. Deixar finalmente é acção de quem tem: pedir é acção de quem não tem. E tanto vae de pedir a deixar, quanto vae de não ter a ter.

A palavra mais dura de pronunciar, e que para sair da bôca uma vez, se engole e afoga muitas, é PEÇO. Finalmente é sentença antiquissima de todos os sabios, que ninguem comprou mais caro que quem pediu. Quem para dar espera que lhe peçam, vende: e quem pede para que lhe dêem, compra, e pelo preço mais caro e mais custoso.

Padre Antonio Vieira (1608-1697).

164 — Falla de D. João de Castro enviando seu filho D. Fernando com soccorro a Diu (pag. 25 na 4.<sup>a</sup> ed.)

«Eu vos mando filho, com este soccorro a Diu, que, pelos avisos que tenho, hoje estar: cercado de multidão de turcos: pelo que toca à vossa pessoa, não fico com cuidado, porque por cada pedra d'aquella fortaleza arriscarei um filho. Encommendo-vos que tenhaes lembrança d'aquelles de quem vindes, que para a linhagem são vossos avós, e para as obras são vossos exemplos; fazei por merecer o appellido que herdastes, accordando-vos<sup>4</sup> que o nascimento em todos é igual: as obras fazem os homens differentes; e lembro-vos que, o que vier mais honrado, esse será meu filho. Esta é a benção que nos deixaram nossos maiores: morrer gloriosamente pela lei, pelo rei, e pela patria. Eu vos ponho no caminho da honra; em vós está agora ganhá-la.»

Jacinto Freire de Andrade (1597-1657).

1 ou recordando-vos; L. CORDEM, coração; propr. chamar ao (da) coração, isto é ao espirito, á lembrança.

165 — Soneto (pag. 25 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Quando os olhos emprego no passado,  
De quanto passei me acho arrependido;  
Vejo que tudo foi tempo perdido,  
Que todo o emprego foi mal empregado.

Sempre no mais damnoso mais cuidado;  
Tudo o que mais cumpria mal cumprido;  
De desenganos menos advertido  
Fui, quando de esperanças mais frustrado.

Os castellos que erguia o pensamento,  
No ponto que mais alto os erguia,  
Por esse chão os via em um momento.

Que erradas contas faz a phantasia!  
Pois tudo pára em morte, tudo em vento.  
Triste o que espera! Triste o que confia!

Luiz de Camões (1524-1580).

166 — Primeiros actos de el-rei D. Duarte  
(Pag. 26 na 4.<sup>a</sup> ed.)

Tanto que a missa e os officios foram acabados, por que no logar<sup>1</sup> havia grande pestenença<sup>2</sup>, el-rei, por conselho de todos, deixou no mosteiro certos prelados e outras pessoas de auctoridade, que sepultaram com grande solemnidade o corpo d'el-rei<sup>3</sup>, e se partiu logo para Leiria, onde em um auto publico, depois que por



D. Alvaro d'Abreu, bispo d'Evora, foi feita uma arenga, por os procuradores do povo lhe foi dada a obediencia, para que vinham, e os alcaides dos castellos e fortalezas lhe fizeram as menagens<sup>4</sup>, que deviam, e os prelados, por si e por seus procuradores, lhe reconheceram senhorio, segundo uso e costume d'estes reinos de Portugal.

Quizera<sup>5</sup> el-rei, por conselho de muitos, espaçar as côrtes para d'ahi a um anno, e para assim ser não falleciam razões e fundamentos necessarios e proveitosos; ao que contrariou o conde de Arroyolos por tal maneira, e com inconvenientes de tanta mais força se logo se não fizessem, que prouve a el-rei estar por seu conselho: e portanto não quiz despedir os povos e fidalgos sem côrtes para que eram chamados. E para as ter e fazer, como cumpria, se partiu logo para Santarem, onde as fez, e ouviu os povos e fidalgos, e lhes desembargou<sup>6</sup> seus capitulos<sup>7</sup> e requerimentos o mais graciosamente que poudo, mostrando-lhes em tudo claros signos de grande amor, e muitas bondades, de que todos partiram alegres e mui contentes, consolando-se na morte do padre<sup>8</sup>, que perderam, com a virtuosa vida do filho, que cobraram; por que todos davam muitas graças a Deus.

Ruy de Pina (1440-1523)

<sup>1</sup> Lisbo. <sup>2</sup> peste. <sup>3</sup> D. João I. <sup>4</sup> juramento de fidelidade.  
<sup>5</sup> § 218, b. <sup>6</sup> despachou. <sup>7</sup> pedidos. <sup>8</sup> do pae.

---

167 — Pasquins (pag. 27 na 4.<sup>a</sup> ed,)

Desejaria por ventura algum curioso saber, porque se chamam pasquins estes ditos que, occultando-se o auctor d'elles, costumam apparecer escriptos em verso, ou em prosa nos logares publicos, satyrisando, ou picando nas acções de alguma pessoa, ou familia particular,

Responde-se: que em Roma houve antigamente um alfaiate, que o <sup>1</sup> era do papa e tinha por nome Pasquillo, ou Pasquino, o qual naturalmente era dizedor<sup>2</sup> e gracioso; e como, pela entrada que tinha nas casas dos principes e cardeaes, via, ou sabia muitas coisas que lhe não pareciam bem, chanceava sobre a materia e achava applauso nos que o ouviam.

Depois de morto, succedeu desenterrar-se junto da sua casa uma antiga estatueta de marmore, que representava um digladiador<sup>3</sup>, com outro mettido debaixo dos seus pés. E deram os ociosos em dizer que o Pasquillo resuscitára; e, quantos querem satyrisar ás escondidas, vão pôr nas costas da dita estatua (que está em pé e em logar publico) os seus papeis, ou emblemas.

O papa Adriano, vendo-se perseguido e motejado dos ditos do Pasquim, desejou lançá-lo ao Tibre<sup>4</sup>; porém Luiz Suesseno lhe respondeu:

— Senhor, o pasquim é da especie das rans, que debaixo da agua fallam mais.

Padre Manuel Bernardes (1644-1710).

1 § 139,3). <sup>2</sup> gracejador, que anda com ditinhos. <sup>3</sup> ou gladiador, homem que combatia na arena contra outros homens ou contra feras para divertimento do povo. <sup>4</sup> rio de Italia. Nasce nos Apeninos, banha a cidade de Roma e lança-se no mar perto de Ostia, a cinco leguas de Roma.

---

168 — A inveja (pag. 29 na 4.<sup>a</sup> ed.)

É a estancia <sup>1</sup> da Inveja em gruta enorme,  
Lá nuns profundos valles escondida,  
Aonde o sol não vae, nem vae favonio <sup>2</sup>.  
Reina alli rigoroso, eterno frio;  
De humidas, grossas nevoas sempre abunda.

Chegara ao sitio infesto a deusa invicta <sup>3</sup> :  
 Ante a morada atroz suspende o passo,  
 Que não lhe é dado penetrar lá dentro ;  
 Fere a porta co'a lança ; abriu-se a porta ;  
 Vê-a ao fundo a comer vipéreas <sup>4</sup> carnes,  
 De seus tartareos <sup>5</sup> vicios alimento.

Vê-a, e, para a não vêr, desvia os olhos.  
 Deixando em meio as serpes <sup>6</sup> que tragava,  
 Se ergue a custo da terra o monstro feio :  
 Com tardo passo vem, e ao ver Tritonia <sup>3</sup>  
 Formosa nas feições, gentil nas armas,  
 Gemeu ; ao seu gemido a encara a deusa.

Da morte a pallidez lhe está no aspecto,  
 Magreza e corrupção nos membros todos ;  
 Olha sempre ao revez, ferrugem torpe  
 Nos asquerosos dentes lhe negreja :  
 Vê-se o fel verdejar no peito immundo ;  
 Espumoso veneno a lingua verte ;  
 Longe o riso lhe está nos negros labios ;  
 Só, se nos mais ha pranto, ha nella riso ;  
 Não gosa de repouso um só momento ;  
 Os cuidados, que a roem, não soffrem somnos :  
 Mirra-se de pezar, ao vêr nos homens  
 Qualquer bem ; rala, e rala-se a maldita ;  
 E' verdugo de si, odio de todos.

Visconde de Castilho (Antonio Feliciano)  
 Traducção de Ovidio, poeta latino.

<sup>1</sup> Habitação, morada, mansão. <sup>2</sup> vento brando, occidental, que tambem se chama Zephyro. <sup>3</sup> Pallas (entre os gregos), deusa da guerra e da intelligencia. Os romanos lhe rendiam culto sob o nome de Minerva. <sup>4</sup> viperinas, de vibora. <sup>5</sup> infernaes, do Tartaro, que era o inferno dos antigos. <sup>6</sup> serpentes.